



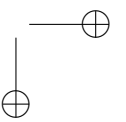
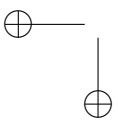
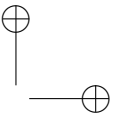
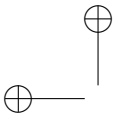
**O acto pedagógico  
como construtor de  
possibilidade de futuro**



Américo Pereira

2019

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:press

Covilhã, 2019

FICHA TÉCNICA

Título: *O acto pedagógico como construtor de possibilidade de futuro*

Autor: Américo Pereira

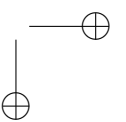
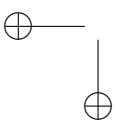
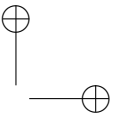
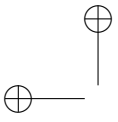
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

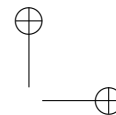
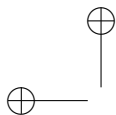
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2019





# O acto pedagógico como construtor de possibilidade de futuro

**Américo Pereira**

O termo grego «pais» («παῖς»), cujo genitivo singular é «paídos» («παιδός»), de que retiramos o português «“peda”gogia» quer dizer «criança», «filho» ou «filha», também «neto» ou «neta»; em contexto diverso, quer dizer «jovem»; mas também quer dizer «jovem escravo».<sup>1</sup>

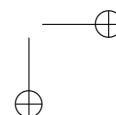
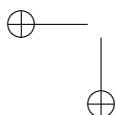
O termo a que já se aludiu, «pegagogia», junta a «pais» o termo «agoge» («ἀγωγή»), que significa, genericamente, «acção de transportar», «transporte», «movimento dos pés», «acção de conduzir», «acção de guiar».<sup>2</sup>

Deste modo, revela-se para o termo «pedagogia» uma complexidade de possíveis significados. Este termo não deve, assim, ser usado como unívoco, como se de «pedagogia» houvesse uma única definição, ainda que como mera possibilidade. Quer isto dizer que falar de «pedagogia», sem mais, é o mesmo que não falar de coisa alguma, pois, à partida não se sabe do que se está a falar, a menos que, com toda a precisão de que o tema necessita e que o tema, por causa dos seus destinatários, merece, se defina este inequivocamente.

---

<sup>1</sup> Cfr., BAILLY, A., *Dictionnaire Grec Français*, Paris, Hachette, [1999], pp. 1440-1441.

<sup>2</sup> Cfr., *ibidem*, p. 20.



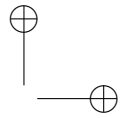
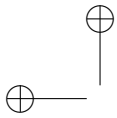
A equivocidade, que começa por ser epistemológica, e que acaba por ser ideológica, em torno do termo «pedagogia» pode ajudar a perceber a razão fundamental da miséria política em que hodiernamente, salvo raras excepções, se tornou o ensino, fundamentalmente incumpridor do que deve ser a sua finalidade e, assim, sua missão. Missão, aliás, única. Tal finalidade e missão é e é apenas o bem possível das camadas políticas que necessitam de ajuda para iniciar e continuar uma vida de aprendizagem, de interiorização de sentidos, interiorização que, com o passar dos actos que constituem o humano tempo e a humana história, se confunde com a própria vida humana como acto de sentido.

Note-se que não foi afirmado «como acto *com* sentido», como se o acto humano fosse algo de prévio ao sentido propriamente humano, e em que, posteriormente, o sentido fosse instilado, inoculado ou metido através de violência.

Grande parte do público que frequenta a Escola deve sentir-se violentado, no sentido que foi acabado de expor. Foi assim que quem escreve estas linhas se sentiu de cada vez que tal lhe aconteceu, e é assim que se sente de cada vez que a oligarquia o tenta violentar com as suas doutrinas destinadas não ao bem de quem deveria servir, mas à sua sobrevivência.

Antes de se procurar pensar alguns dos vários sentidos possíveis para o termo «pedagogia» e isso a que tais sentidos se possam referir na realidade concreta da acção humana, deixa-se já dito como emblema fundamental do acto pedagógico merecedor do nome que *não há pedagogia sempre que há violência sob qualquer forma*.

A pedagogia, então, implica sempre um ambiente ético e político de não-violência. Um ambiente ético e político de violência, mecanicamente gera não seres humanos capazes do bem-comum, o único digno da humanidade, mas bestas humanas ou bestas com forma exterior humana.



## O acto pedagógico como construtor de possibilidade de futuro 5

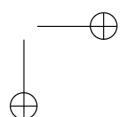
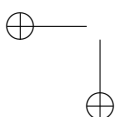
Como se pode ver a partir da grande metáfora trágica que é a obra cinematográfica de Spielberg, *Artificial intelligence*, uma humanidade baseada num ambiente ético, político e consequentemente pedagógico de violência está condenada a desaparecer, sendo, porventura – e é a tese do filme – substituída por máquinas, ética e politicamente superiores porque não são violentas. Tal metáfora é provável profeta dos caminhos epistemo-tecnológicos do futuro.

Retorne-se à etimologia do termo «pedagogia». Na sua simplicidade, o termo imediatamente indica quer o fim da acção quer o meio da acção que procura protocolarmente transmitir: o termo constitui, assim, o primeiro protocolo, e o mais significativo, relativo à definição do que procura transmitir – o fim é o ser humano dito «criança» ou «jovem»; o meio é o «transporte», a «condução», a «acção de guiar», e, o mais importante e fundamental, «mover os pés».

O que parece um começo humilde – e é, como todos os grandes começos de grandes avanços humanos, sem pompa e circunstância, lembremo-nos do início dos passos de um Édipo – acaba por ser isso que define de uma vez por todas o que é o acto, para usar um termo que se assume desde agora como sinónimo, de «educar».

De notar que o que ficou dito imediatamente acima sobre «criança» e «jovem» não tem de e não deve ser entendido num sentido estritamente denotativo cronológico: o que estes dois termos significam, denotativa e conotativamente, é que «criança» e «jovem» é todo o ser humano que, relativamente ao seu *poder de saber*, ainda está numa fase incipiente, mesmo que tenha noventa anos como o velho Sófocles que se pôs a pensar sobre a justiça do destino de Édipo – esse que, ignorante, pôs os pés em movimento em direcção a um bem possível que se foi revelando uma sucessão de males inesperados – assim ministrando uma terrível pedagogia negativa.

A condição de «criança» ou de «jovem», em termos pedagógicos, significa que o ser humano está sempre numa condição e



situação de relativa ignorância no que diz respeito ao possível melhor de seu saber, quiçá, de sua sabedoria. Estamos mesmo muito longe de uma escola preparadora de mão-de-obra escrava de e para uma qualquer oligarquia mais ou menos bem disfarçada.

Tomando o ser humano, seu fim, como um ser sempre incompleto do ponto de vista do saber e da sabedoria, a pedagogia assume o mesmo ser humano como um fim permanente. No entanto, este fim permanente é imanente ao ser humano como «criança», como aprendente: não constitui um laço de dependência política de uma classe de seres humanos, os ignorantes, relativamente a uma outra classe, os sabedores, quer dizer, alguém que como quem isto escreve é professor.

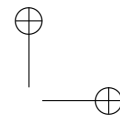
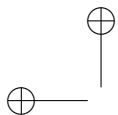
O primeiro papel e fim de qualquer agente profissional pedagógico – que, como profissional, tem a obrigação de tal saber – consiste em agir no sentido de pôr esse que é o seu fim, a «criança», capaz de ser pedagogo de e para si próprio. A pedagogia é o acto mais básico e mais necessário de libertação do ser humano através da acção de um outro ser humano.

É, assim, o contraditório de uma acção de escravização. É a mais nobre das acções, do ponto de vista antropológico, ético e político. Compreende-se, deste modo, por exemplo, o amor de um Platão relativamente ao seu velho Mestre Sócrates de Atenas, para mais assassinado pela cidade em que procurava introduzir uma pedagogia de e para a liberdade.

Como julgaria o velho Sócrates as nossas escolas, como actos de liberdade ou como actos de escravização; como actos em que se põe a criança a andar pelos próprios pés ou como actos em que se antolha a criança segundo os interesses dos oligarcas do momento?

A questão de sempre da pedagogia – já é a de Sócrates e pela qual deu a vida – consiste em saber-se se o trabalho pedagógico é digno do nome, quer dizer, se labora no sentido de libertar o ser humano ou de o escravizar.





## O acto pedagógico como construtor de possibilidade de futuro 7

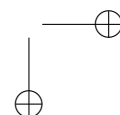
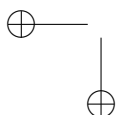
De que serve uma escolaridade mecanicamente universal se o universo escolarizado é vítima de um processo – anti-pedagógico – de matriciação que transforma possíveis pessoas em meros instrumentos laborais de engrandecimento de terceiros, os poucos, os oligarcas? Que interessa que tais oligarcas sejam ditos capitalistas, socialistas, nazis ou qualquer-coisa-democratas? Um escravo é um escravo, independentemente daquele que dele se fez senhor.

Ora, não é possível produzir escravos sem que haja um trabalho consistente de pseudo-pedagogia, de perversão tirânica do que deveria ser a pedagogia como acto de libertação do ser humano.

A propósito de pedagogia, de escravos e do que erroneamente se designa como «tecnologia», o *uso impensado* de máquinas e de aplicações informáticas, que configuram não um meio de libertação ilusoriamente necessário, mas a concretização hipertrofiada do 1984, de Orwell, ainda há quem pense que, neste âmbito, se está na boa senda? Com que pés estamos nós a pôr as nossas crianças – mesmo as de noventa anos – a caminhar? Não se verifica já estarem tais crianças a funcionar como aplicações externas das aplicações internas das máquinas, escravos do que se passa nas pantalhas dos interfaces visuais das máquinas? Que se vai fazer com estes novos escravos? Escravos que se estão a converter numa praga? Ou não será assim?

Continue-se a reflexão acerca do termo «pedagogia», posta que foi a nota sobre a possível perversão esclavagista da acção pedagógica. Pensando a pedagogia como «meio», encontramos os sentidos de «acção de transportar», «transporte», «movimento dos pés», «acção de conduzir», «acção de guiar», já aludidos.

Que «acção de transportar», que «transporte» é este o da pedagogia? Em que consiste concretamente. Aqui, sobretudo em dias de avassaladora preeminência da didáctica sobre a pedagogia, reside o problema maior da pedagogia, que não é qualquer dos que foram assinalados supra, pois esses têm o fácil remédio de tudo o que é ético: a vontade de fazer bem, em acto. Basta isso. Basta isso



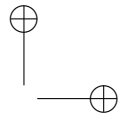
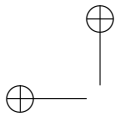
com o auxílio dos meios. A questão passa, então, para os meios, as mediações, os actos concretos que devem realizar, isto é, pôr em e na realidade a pedagogia; lembre-se, não uma coisa qualquer perversa com o nome político de «pedagogia», mas *o acto de pôr a criança a andar pelos seus próprios pés*, isto é, o acto de libertação do ser humano através da conquista acompanhada da sua liberdade, na forma da sua radical autonomia antropológica, ética e política.

Assim sendo, que «transporte» é este? Um dos erros mais comuns consiste em afirmar algo como «o saber que o professor transmite aos seus alunos». Que transmissão é esta? Em que consiste? Como se processa concretamente? Exactamente, o que é que se transmite? Esta transmissão é «material», é «não-material»? Sendo não material que forma assume?

Para responder a algumas destas questões seriam necessárias milhares de páginas e de horas e, ainda assim, chegaríamos ao mesmo estado em que estamos epistemologicamente, em que não sabemos, de facto, responder cabalmente. E não sabemos porque epistemologicamente fazemos parte do problema, o que nos impede de ter a necessária distância epistemológica para sermos objecto de estudo sendo sujeito do mesmo estudo.

No entanto, algo pode ser reflectido, sem desrespeitar esta impossibilidade epistemológica. Ponha-se a questão da transmissão de conhecimentos – que é mágica como é posta comumente – de outro modo: que acontece quando o pedagogo está perante a «criança» que lhe cabe em sorte e, *em diálogo* – termo fundamental, aqui –, consegue que algo que a «criança» não sabia passe a ser sabido, precisamente por meio do acto dialógico referido?

É magia? O pedagogo é um agente de magia, um mágico? A resposta pode ser intuída – é o que aqui está em questão, a intuição humana, o acto de intuição humana – usando uma velha comparação atribuída a Sócrates. Ele, Sócrates, o pedagogo, comparava-se a uma tremelga, uma enguia eléctrica, que, quando toca a pele humana, faz o ser humano estremecer.



## O acto pedagógico como construtor de possibilidade de futuro 9

A imagem talvez não seja clara, mas o que quer transmitir é a noção de que *o pedagogo serve para despertar a capacidade intuitiva, a inteligência*, no seu sentido pleno, não em qualquer sentido restritivo, do interlocutor, a nossa «criança».

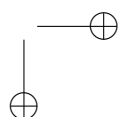
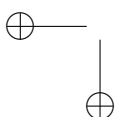
Uma outra noção fundamental é a de «mostração»: no diálogo com a «criança», o pedagogo não só procura despertar a capacidade intuitiva, mas tem de *mostrar* isso a que tal capacidade se deve aplicar; isso a que vulgarmente se chama «objecto». Tal mostração é válida quer para realidades materiais tangíveis, de uma biologia ou de uma física, quanto para realidades não físicas, como as de tipo matemático, em sentido comum.

Assim como o professor de biologia não mete real e materialmente o elefante em estudo nas bio-físicas cabeças dos alunos, assim multiplicando magicamente o elefante por trinta (ou mais), também o professor de matemática não mete em tais mesmas cabeças a santa trigonometria, embora esta já tenha nascido infinitamente reproduzível – vantagens de não se ser físico.

Deixando de parte a ironia, o que se procura transmitir é que não há qualquer modo medial de transportar literalmente um conteúdo epistemológico qualquer – sentido universal de qualquer saber passível de ser intuído – de quem «sabe» para quem «não-sabe».

Na falta de magia, o que sucede é, sempre, a intuição primeira – maravilhosa, mas não mágica – de algo que até então nunca fora intuído. Este é o acto de aprender, que se dá na solidão subjectiva de cada ser humano e que não tem outro modo de se dar senão através do contacto da inteligência da pessoa, assim sempre «criança» com o objecto intuível.

Compete ao pedagogo criar as condições para que tal suceda, mormente através da mostração de tal objecto, esta mostração nunca é um acto que possa comportar qualquer forma de violência, como já foi assinalado, mas que nunca é demais relembrar.

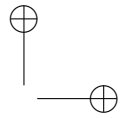
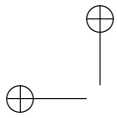


Nunca é, também, demais lembrar que isso que se denomina como «escola» (etimologicamente, o sítio do ócio), mas que melhor se deveria denominar como linha de montagem de escravos para uso das oligarquias, tem como obrigação fornecer os meios para que pedagogo e «criança» possam exercer os respectivos labores, como acabados de expor. Como é evidente, tal não acontece, sendo os próprios pedagogos tratados como meras peças instrumentais num sistema pervertido relativamente aos seus fins e propositadamente empobrecido no que diz respeito aos seus meios. Compreende-se, pois se a escola criar seres humanos livres, onde irá a oligarquia buscar os seus escravos?

Nesta relação com os poderes políticos efectivos encontramos os significados, possivelmente nobres, de «acção de conduzir» e de «guiar» ou de «acção de guiar». De notar que se aponta sempre – perversa ou não – para uma *acção*. A pedagogia é sempre uma acção, um acto, um acto humano, insubstituivelmente humano, sobretudo no seu entendimento como algo de não pervertido: é a lição negativa de *Artificial intelligence*, em que, tendo falhado a humanidade no acto pedagógico, a própria humanidade é aniquilada.

Sem perversidade, a pedagogia conduz e guia no sentido já exposto de mostraçãõ do que há, neste caso, como caminho ou caminhos possíveis. Sem perversidade, o pedagogo sabe também referir as diferenças entre os possíveis caminhos e os perigos que encerram. Pode mesmo, aconselhar o que lhe parece melhor. Mais não pode fazer, sem cair em violência.

Com perversidade, o, assim, não-pedagogo, aponta o que lhe disserem os oligarcas para apontar, imediatamente limitando a liberdade da «criança». É um acto de tirania. Como triste exemplo, extremo, mas não solitário, podemos referir o que era transmitido em perversa pedagogia às crianças alemãs durante o consulado nazi, sobre os não-arianos, mormente judeus e pessoas com deficiência, e que esteve na base da matança de inocentes que pouco depois sucedeu. Tal matança foi preparada na mente das crianças



## O acto pedagógico como construtor de possibilidade de futuro 11

que depois a perpetraram como soldados comuns ou com membros das SS.

O pedagogo não é o piloto do navio «criança». É, talvez, mais do que isso, um farol e um porto de partida; *mas apenas de partida*. O porto de chegada da «criança», do «aprendente» (termo horrível, mas significativo tecnicamente), é o seu próprio ser *mais rico*, porque com mais sentido, sentido que o pedagogo ajudou a encontrar, a formar.

O pedagogo não governa, assiste. Nem sequer deveria ter de governar «a sala de aula», tarefa que não é a sua, pois não é polícia ou educador/instrutor político; tarefa que não deveria ser necessária se a liberdade humana não tivesse sido destruída, comparando os seres humanos aos cães de Pavlov ou às caixas negras psíquicas de Watson, ou a outras formas de menorização do próprio humano, que deixa as «crianças» de todas as idades incapazes de estar em ambiente de possibilidade de intuição, no sítio de *lazer inteligente* que deveria ser a sala de aula, transformada, outrossim, no comum político hodierno, em pátio de reformatório ou em assembleia de deputados de uma república precocemente dementada.

Quanto ao possível futuro da pedagogia, de uma pedagogia séria e que promova a libertação do ser humano, na falta de bola de cristal, pensamos que, a continuar a pressão irracionalizante que as oligarquias exercem sobre a escola, será totalmente pervertida, passando o docente a um ser um mero empregado a quem compete, enquanto não for substituído por uma máquina mais obediente, moldar violentamente seres humanos segundo as necessidades de tais oligarquias. Depois, mesmo estes seres humanos serão substituídos por máquinas que melhor sirvam tais senhores.

Apesar de tudo e como admirador do velho Churchill, penso que devemos seguir a sua máxima: «we shall never surrender», mantendo o sonho de podermos ser colaboradores no processo de libertação das crianças de todas as idades e tamanhos, até que haja forças.

